

RESUMO

Esta pesquisa investiga o nível de interferência do conteúdo e da forma da indústria cultural no Curso de Pedagogia da UNICENTRO-Guarapuava/PR, mais especificamente a possibilidade desse fato ter relação com as dificuldades encontradas pelas(os) acadêmicas(os) na disciplina de Didática, durante o processo de planejamento. A pesquisa teve como referencial teórico as ideias do filósofo Theodor W. Adorno sobre a indústria cultural, assim como a produção teórica brasileira que trata da educação na perspectiva da Teoria Crítica Adorniana. A pesquisa de campo consistiu na aplicação de questionários com as(os) acadêmicas(os) do curso de Pedagogia. A análise dos dados revelou a forte presença do conteúdo e da forma da indústria cultural entre o grupo pesquisado. No entanto, estes não são os únicos elementos atingidos pela lógica semiformal da indústria cultural, uma vez que ela também se estende ao par conceitual razão e sensibilidade. Nessa realidade percebida, a razão afirma seu aspecto instrumental e a sensibilidade não carece de racionalidade e de esforço cognitivo. Entende-se que, ao afetar o juízo estético, a indústria cultural também afeta o processo de conhecimento. Refletindo sobre a existência dessas dicotomias, e no quanto elas se constituem em obstáculos ao processo formativo, é que a educação estética foi enfatizada, tendo-se como pressuposto o referencial teórico adorniano. As ideias de Adorno possibilitam o entendimento de como ocorre a danificação do processo formativo, além de oferecerem parâmetros que definem a essência da formação e contribuem para orientar a resistência à lógica semiformal da indústria cultural.

Palavras-chave: Indústria cultural. Semiformação. Theodor W. Adorno. Formação de professores. Didática. Estética.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada pela minha experiência enquanto docente da disciplina de Didática dos cursos de licenciatura, nos quais identificava entre as(os) acadêmicas(os) alguns aspectos que caminhavam na contramão dos conteúdos e dos procedimentos trabalhados. Dentre esses aspectos, destaco a dificuldade das(os) acadêmicas(os) de expressarem o pensamento com base na fundamentação teórica utilizada, lançando como recurso exemplos da mídia ou de situações cotidianas ao invés de uma base conceitual; a reivindicação por um vocabulário e linguagem mais acessível e simplificada; o escasso repertório cultural no que tange à literatura, música, teatro, artes plásticas, cinema, etc. Tais aspectos indicavam a presença de um gosto massificado, cuja preferência o ambiente acadêmico parecia não afetar. Esses e outros aspectos que foram identificados no decorrer desta pesquisa manifestavam-se, sobretudo, no planejamento – cujo conteúdo compõe o programa da disciplina de Didática. No processo de planejamento, as(os) acadêmicas(os) não conseguiam se desprender do livro didático e, quando solicitadas(os) a utilizar outros suportes, não escapavam daqueles objetos divulgados pela mídia, ou seja, de uma estética familiar. Essa situação levou-me a problematizar a respeito do nível de interferência dos conteúdos e formas da indústria cultural no processo de formação de professores, mais especificamente sobre a relação desse fato com a disciplina de Didática. A hipótese sobre a interferência do instrumentalismo, da lógica simplificadora e da configuração estética empobrecida da indústria cultural na formação de professores gerou outra proposição: a necessidade de desenvolver o senso estético nos cursos de formação de professores, fundamentando-se no pressuposto do referencial teórico adorniano, que vislumbra na estética e na obra de arte os componentes formativos.

A Didática e a filosofia estética e negativa adorniana apresentam em comum a temática referente à relação conteúdo/forma, que, por sua vez, é parte integrante do ensino, que é o objeto de estudo da Didática. Na abordagem adorniana, a linguagem filosófica assemelha-se à da estética, estabelecendo uma relação entre o frouxamente dito e o mal pensado e, por isso, assinala a possibilidade de se pensar o vínculo entre o conteúdo e a forma e vice-versa. Na obra de arte, essa relação é recíproca, ou seja, não se exterioriza na medida em que lhe é inerente. Pensar a educação sob esse prisma pode ajudar a entender a relação conteúdo e forma no ensino, que se apresenta, na maioria das vezes, artificializada (espetacularizada mediante o uso de dinâmicas ou materiais

didáticos atraentes), dada a instrumentalidade e o processo semiformativo que rondam o conhecimento contemporâneo. Outra relação que se pode pensar a partir desse prisma teórico é aquela existente entre razão e sensibilidade, pois o ensino, ao primar pelo desenvolvimento da ciência, supervalorizou o conceito, acentuando o primeiro aspecto para o qual foi dado um caráter instrumental.

Para efetivar a pesquisa, o percurso ficou assim estabelecido: num primeiro momento a indústria cultural é compreendida a partir das condições objetivas que contribuem para que ela exerça um papel determinante na organização da sociedade contemporânea e na constituição da subjetividade. Assim, o conceito de sociedade na perspectiva adorniana inicia a discussão proposta na seção um, que também explora os conceitos de formação e cultura, procurando ressaltar o campo de forças entre espírito e natureza, transcendência e acomodação, que envolvem os dois conceitos na referida perspectiva. A primeira seção está centrada nos escritos adornianos, mesmo assim outros autores são mencionados. Esse é o caso do conceito de indústria cultural em que são apresentadas brevemente as ideias de John B. Thompson e Pierre Bourdieu. A intenção consistiu em confrontar o conceito adorniano com as concepções desses autores, a fim de identificar os aspectos infundados dos ataques ao conceito adorniano de indústria cultural, que, apesar das críticas, conserva sua atualidade. Por último, são analisadas as ideias que perpassam a dialética negativa e a teoria estética adorniana. Nelas, é possível encontrar elementos que reforçam a concepção adorniana de formação e que apontam para possíveis formas de resistência à totalidade promovida pela indústria cultural.

A segunda seção faz um levantamento bibliográfico das principais publicações editadas nos últimos dez anos que tratam da educação no âmbito da teoria adorniana. Elas estão agrupadas em dois blocos. No primeiro bloco encontram-se os livros e artigos que tratam, mais especificamente, da Teoria Crítica, da semiformação, da indústria cultural e da influência das novas tecnologias neste âmbito. No segundo, incluem-se as produções que enfatizam a dialética negativa, a ética e a estética como fundamentos da análise da educação e da sociedade. A partir da análise da referida bibliografia, foi possível identificar algumas alternativas de resistência que as obras apontam, destacando-se: a compreensão do vínculo entre psicanálise e educação; a necessidade de fortalecer a autorreflexão crítica e de assimilar o passado com esclarecimento; a ênfase à negatividade; a crítica à semiformação e a compreensão de seus mecanismos de ação no âmbito escolar; o vínculo entre educação e estética; a

investigação da racionalidade da dominação através da tecnologia e a mediação que os meios de comunicação exercem no cotidiano dos alunos. Esses aspectos são apresentados na terceira seção, que encerra o segundo capítulo.

A terceira seção levanta e analisa dados empíricos. Esses foram obtidos a partir da aplicação de questionários com as(os) acadêmicas(os) do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, Guarapuava – PR, no qual foram aplicados 409 questionários entre as(os) acadêmicas(os) dessa cidade e das Extensões – Chopinzinho, Pitanga e Laranjeiras do Sul.

As questões foram analisadas a partir de determinadas problemáticas, que foram agrupadas em duas temáticas: 1. Mediação tecnológica e estética; 2. Indústria cultural, processos pedagógicos e imagem do professor. Nas de número um a dezesseis aparece a primeira temática, enquanto as demais exploram a segunda.

A primeira temática considera a ideia de que a mediação da comunicação pela tecnologia, especialmente diante da configuração híbrida dessa última, cria condições favoráveis à espetacularização da realidade e à banalização cultural. Baseando-se nesse pressuposto, a pesquisa busca apresentar dados sobre a frequência de uso de alguns recursos tecnológicos, bem como alguns elementos que podem indicar pistas sobre aspectos estéticos que incidem na escolha de determinados produtos culturais. Os elementos estéticos são pertinentes, pois, ao mesmo tempo em que se constituem no principal meio de atuação da indústria cultural, apresentam-se como alternativa de resistência. Essa possibilidade é dada na medida em que se enxerga na arte uma categoria crítica de conhecimento, um caminho para romper com as formas acomodadas de percepção, imaginação e entendimento da indústria cultural, conforme assinalam Costa (2001) e Fabiano (2001).

Na pesquisa, os elementos estéticos aparecem explícita ou implicitamente. No primeiro caso, quando se pergunta, por exemplo, quais os critérios que são utilizados para avaliar uma boa leitura, o estilo musical preferido ou o que leva a gostar de uma música. Na forma implícita, os possíveis elementos que interferem na escolha de um determinado produto cultural são depreendidos do perfil do objeto eleito – como é o caso de certos programas de televisão e sites.

As questões de número dezessete, dezoito e dezenove, agrupadas na segunda temática – indústria cultural, processos pedagógicos e imagem do professor – investigam a interferência da indústria cultural sobre as expectativas referentes ao curso,

sobre a concepção de formação e sobre o que consideram ser um bom professor. Nessas questões incide a suspeita da tendência à heteronomia e às falsas projeções.

De modo geral, em todas as questões foi possível identificar algumas tendências da indústria cultural: necessidade de familiarização, clareza e objetividade dos objetos culturais; recusa ao pensamento; concepção utilitarista da educação, cuja aproximação com a realidade toma como referência essa característica; contato expressivo com a literatura de cunho comercial e com programas de televisão e sites da internet voltados para o entretenimento; dentre outras tendências. O mais grave nisso tudo é que o tempo expressivo de exposição aos *media* e a preferência por seus produtos se associa a pouca leitura de caráter acadêmico ou literário, além do escasso contato com objetos culturais que escapam da estética familiar.

Essa realidade, analisada à luz da perspectiva adorniana, pressupõe a relevância da indústria cultural como um elemento que deve compor as discussões que integram a formação de professores; também atenta para o lugar que a estética assume no processo formativo – se não fosse assim, a indústria cultural não a elegeria como sua principal instância de atuação.

CONCLUSÃO

O percurso desta pesquisa foi delimitado a partir da intenção de explicitar o nível de interferência da indústria cultural no curso de Pedagogia da UNICENTRO/Guarapuava e as implicações que incidem sobre o processo de formação de professores. O fundamento dessa intenção considerou que a indústria cultural age de forma mais devastadora nesse campo, pois ela atinge os dois componentes básicos à formação: conteúdo e forma, que consistem em pilares sob os quais se sustenta a construção docente. Além disso, a forte influência que a indústria cultural exerce sobre as(os) acadêmicas(os) e futuras(os) docentes, indica que esses sujeitos podem se constituir em veículos de difusão da lógica massificadora no âmbito escolar, potencializando e multiplicando os efeitos da indústria cultural nesse âmbito.

O conceito de indústria cultural foi compreendido em consonância com o conceito de sociedade que, na ótica adorniana, insere-se no contexto de expansão do processo de troca de equivalentes, capaz de promover a ideologização total da sociedade e a socialização fora dos parâmetros do trabalho social – tarefa essa que a indústria cultural cumpre com muita eficiência e que resulta, ainda, na despotencialização da capacidade crítica dos indivíduos.

A atualidade do conceito de indústria cultural pressupõe sua compreensão à luz do desenvolvimento tecnológico, uma vez que o formalismo presente nesse último, segundo Crochík (2003), está mais próximo da barbárie do que da emancipação. Essa possibilidade existe porque o desenvolvimento tecnológico promove ainda mais a capacidade da indústria cultural funcionar como substitutivo da realidade. Ele ainda pode representar uma ameaça à capacidade perceptiva e de concentração ao promover a banalização e a simplificação da cultura, ao mesmo tempo em que amplia o contato dos indivíduos com os objetos culturais e rompe barreiras de tempo e espaço. As novidades tecnológicas aplicadas ao campo da comunicação impressionam por fazerem os indivíduos sentirem que têm a sua disposição uma variedade de escolhas e de que estão em contato com uma diversidade de culturas. No entanto, essa pode ser uma estratégia para se afirmar frente à concorrência, pois, sob o princípio da troca de equivalentes, a diversidade não escapa de ser administrada em função do lucro.

Alguns autores, como Thompson e Bourdieu, discordam do poder integrador e homogeneizador promovido pela socialização crescente da sociedade capitalista contemporânea. Eles foram mencionados com o objetivo de elucidar como o

pensamento antitético ao conceito de indústria cultural adorniano apresenta fragilidades, cujo esclarecimento contribui para reforçar as teses do filósofo frankfurtiano. Os referidos autores preocupam-se com os processos de recepção e acusam Adorno de não tê-lo feito. No entanto, Adorno não objetivava uma teoria da comunicação, mas a de uma sociedade em que a indústria cultural é a expressão máxima da socialização que ela própria promove. Ao destacar o poder totalizador da sociedade administrada, Adorno não descuidou do papel do sujeito que, mesmo imobilizado pelo sistema, concentra a possibilidade de romper com a passividade que o atinge. Esta possibilidade se encontra na forma como ele concebe a sociedade, ou seja, é um conceito mediado e mediador – o que lhe vale escapar da acusação de ter reificado o referido conceito, feita especialmente por Thompson. Esse autor, ao reforçar a existência de diferentes modos presentes na operação ideológica, sem perceber, reconhece e potencializa os efeitos ideológicos das construções simbólicas. Também a leitura que Thompson faz da concepção de ideologia em Adorno e Horkheimer desconsidera a dialética entre verdade e inverdade que é utilizada pelos frankfurtianos. Para eles, a ideologia é verdadeira em si e na sua possibilidade de fugir da falsificação da consciência; no entanto, sua falsidade consiste na tentativa de coincidir com a realidade, negando-a.

Bourdieu, apesar das divergências ao conceito de indústria cultural frankfurtiano, sobretudo no que tange à relação entre o processo de produção e o de recepção das mensagens, reconhece a presença de aspectos inconscientes nos meios de comunicação e a sua configuração veloz que afeta o pensamento. Porém, não critica a absorção da cultura erudita pela indústria cultural, que acaba deformando-a; parece acreditar que a autonomia da cultura erudita não é afetada por esse processo.

A indústria cultural, na perspectiva adorniana, falsifica o sonho da formação porque impede a autorreflexão crítica ao submeter o pensamento às demandas exteriores. Essas, mesmo sendo parte do processo formativo, requerem ponderação, a fim de não supervalorizarem apenas a dimensão adaptativa. É nesse sentido que Adorno enxerga na dimensão autônoma do pensamento a capacidade de vigilância e de manter a tensão entre a realidade e o conceito, para que o pensamento não sucumba aos apelos da realidade ou caia na tentação de se fechar em si mesmo. Em ambos os casos, é possível notar a importância da autorreflexão crítica.

A concepção de que a experiência formativa reivindica o confronto entre o real e o conceito, bem como a constatação de que a filosofia fracassou ao se apegar ao momento conceitual, acreditando que através dele era possível conciliar pensamento e

realidade, levaram Adorno a enxergar na dialética negativa e na teoria estética um caminho no qual a filosofia pode escapar dos apelos identitários, reconhecendo sua culpa e sua má consciência, conforme destaca Türcke (2004, p. 46). Esse mesmo autor (2004, p. 51-52) ressalta que na dialética negativa o tema se manifesta a partir de suas variações e sua explicação excede o ato de identificação.

A obra de arte traduz o encontro da filosofia com a estética e a possibilidade da não identificação. Mesmo comportando a vida empírica em sua substância, opõe-se a ela a partir de sua forma, a partir da qual os antagonismos não resolvidos na realidade retornam.

A dialética negativa e a teoria estética foram discutidas à luz dos escritos produzidos por Adorno e por seus intérpretes, pois, em ambos, os dois conceitos apontam para a possibilidade de resistência. Outras possibilidades também foram elencadas, sendo que, na literatura sobre Teoria Crítica e Educação, os autores sugerem a compreensão do vínculo entre psicanálise e educação, a crítica à semiformação e a compreensão de seus mecanismos de ação no âmbito escolar, a necessidade de fortalecer a autorreflexão crítica e assimilar o passado com esclarecimento, a investigação da racionalidade da dominação através da tecnologia e da mediação que os meios de comunicação exercem no cotidiano dos alunos.

Esse último aspecto, juntamente com a crítica à semiformação e o vínculo entre educação e estética, estiveram entre os mais citados pela literatura sobre Teoria Crítica e Educação. A discussão sobre a presença das novas tecnologias no cotidiano expressa a atualidade da Teoria Crítica e do pensamento de Adorno. Ela se manifesta na análise cuidadosa que os autores fazem dos mecanismos pelos quais as novas tecnologias operam e sobre os efeitos que elas produzem. Ao optarem por tal abordagem, os autores reforçam a importância da negatividade do pensamento e da crítica como antídoto à ausência do esclarecimento que as tecnologias podem promover, especialmente quando aplicados pela indústria cultural. Esse momento de crítica é imprescindível e circunda os demais, inclusive aqueles voltados para o uso e para a elaboração de formas mais educativas em relação ao uso das novas tecnologias.

A literatura sobre Teoria Crítica e Educação destaca a dimensão estética no campo educativo e esta pesquisa buscou somar esforços com aqueles que empreendem tal compreensão. A partir do levantamento de dados, ficaram explicitadas as proporções que a lógica e a estética familiar da indústria cultural assumem no âmbito acadêmico. Elas se manifestam na busca por entretenimento, por objetos culturais que se adequem à

lógica do consumo – o que leva à preferência pela leitura de revistas e de sites, inclusive para o uso em trabalhos acadêmicos – e por seguir caminhos que levem a atalhos, diminuindo o esforço e a angústia, imprescindíveis à formação.

Essas atitudes não são as únicas a revelarem a tendência à heteronomia, uma vez que ela também aparece quando as(os) acadêmicas(os) atribuem um peso significativo a aspectos vinculados ao professor; sejam eles ligados a sua personalidade, à capacidade de interagir com os alunos, à opção metodológica e habilidade para se expressar de maneira clara e objetiva. Nesses dois últimos aspectos, é possível identificar a necessidade de transposição dos conteúdos didáticos, cuja configuração não é o eixo principal de um curso superior, no qual se espera da(os) aluna(os) maior participação e responsabilidade pela sua formação. A fim de amenizar o peso dessa responsabilidade e evitar ao máximo o exercício do pensamento, as(os) acadêmicas(os) tendem a apelar para o formalismo e para o instrumentalismo. Neles, a forma se sobrepõe ao conteúdo e existe para esvaziá-lo e simplificá-lo.

O predomínio do formalismo e do instrumentalismo culmina no apelo a modelos, dinâmicas e estratégias didáticas vazias. Ele também mostra sua face na expectativa de vincular o ensino à realidade, valorizando-se os aspectos contingentes sob o custo de desconsiderar que o distanciamento da realidade, segundo Adorno, é necessário para o desenvolvimento da vida empírica.

A relação entre conteúdo e forma estabelecida pela indústria cultural não afeta apenas a apreciação do juízo estético, mas também o processo de conhecimento. No caso da formação de professores, essa relação é constituinte do ensino e, conseqüentemente, da Didática que lhe tem como objeto. A relação empobrecida entre conteúdo e forma se revela nessa disciplina quando se solicita que as(os) acadêmicas(os) elaborem e executem planos de aula. Nesse momento, fica clara a pouca disposição ao pensamento, o pouco domínio dos conteúdos gerais (especialmente dos clássicos), assim como o pouco contato com obras literárias e artísticas em geral.

Conteúdo e forma não são os únicos aspectos a serem atingidos pela dicotomia que envolve a lógica semiformal, pois essa configuração assumida pelo referido par conceitual está diretamente vinculada à dicotomia entre razão e sensibilidade. Dessa forma, a razão afirma seu aspecto instrumental e a sensibilidade não carece de racionalidade e de esforço cognitivo.

Pensando nessas dicotomias, e no quanto elas se constituem em obstáculos ao processo formativo, é que a educação estética foi enfatizada. A defesa dessa instância

considerou a relação entre o frouxamente dito e o mal pensado, presente na *Dialética Negativa* (2009), além da ideia, expressa na *Teoria da Semiformação* (2010), de que a formação exige pressupostos.

A expressão rigorosa, segundo Pucci (2004, p. 94-95), requer o esforço para traduzir em conceito e em linguagem o que está adormecido nas coisas. Esse esforço caracteriza-se pela sua negatividade, contrapondo-se à forma na qual as coisas se mostram na sua aparência, dificultando o desnudamento de sua interioridade. O mesmo autor, baseado em Adorno, também lembra que a deficiência dos conceitos e palavras demanda por outros conceitos e palavras.

A obra de arte, na medida em que utiliza a linguagem cifrada, abre possibilidades para a produção de semelhanças e para a experiência mediática, que se realiza a partir do distanciamento e tensão com o objeto que se quer expressar. Ela pressupõe a angústia e o estranhamento da subjetividade em relação ao mundo fenomênico e, assim, reserva a possibilidade de resistir aos apelos totalitários e deformadores da consciência advindos da indústria cultural.

O vínculo da didática à lógica da indústria cultural, ressaltado por Gruschka (2008), fundamenta-se na absolutização da razão instrumental e do conceito – o que explica a condição marginal atribuída à sensibilidade e à arte. Talvez por isso até as propostas que se dedicam a estabelecer uma relação entre as disciplinas encontrem dificuldade, pois lhes falta o componente estético, capaz de promover o processo formativo e de enfrentar as dicotomias.

A experiência estética empobrecida conduz aos artificialismos pedagógicos e às dicotomias; ao contrário delas, o contato com obras artísticas e literárias serve de pressuposto para a formação. O próprio Adorno lembrava a importância dos pressupostos, os quais também são encontrados em todos os objetos culturais que conservam o aspecto formativo. O contato com eles, acompanhado pelo aprimoramento da experiência estética, constitui-se em antídoto contra a dependência de modelos e estratégias didáticas padronizadas e artificializadas, que proclamam a falsa alegria, que é a do comodismo e da heteronomia.

Se a arte é capaz de produzir significados que não se harmonizam com o mundo, o que dizer de um mundo no qual impera a superprodução semiótica, especialmente na forma de imagens?

Pensando nisso, é possível afirmar que o momento atual coloca a necessidade de interpretar as imagens e de discernir a presença ou não do conteúdo e forma artísticos nas mesmas.

O fomento às atividades culturais e artísticas consiste em elemento imprescindível de uma educação crítica e, conforme os pressupostos frankfurtianos, ela implica na contraposição ao conteúdo e formas da indústria cultural. Assim, cabe ao Departamento de Cultura, Departamento do Curso e aos Centros Acadêmicos promoverem parcerias a fim de criar espaços de socialização de obras literárias, musicais, plásticas, cênicas, além de discussões que contribuam para discernir entre a verdadeira obra de arte e os objetos massificados.

Percebe-se que muitas(os) acadêmicas(os) não gostam da cultura erudita porque não a vivenciam em suas práticas culturais, não dispõem de conhecimentos prévios para apreciá-la e compreendê-la, e porque seu caráter provocativo foge dos apelos tranquilizantes da cultura industrial e estimula o esforço reflexivo.

Mais que discutir a inserção ou retirada de disciplinas do currículo a fim de melhorar a qualidade do curso, faz-se necessário pensar na durabilidade dos objetos culturais que lhe conferem característica formativa. Propor uma literatura sustentada nos clássicos como base do curso é uma forma de fortalecer os objetos culturais que conservam o aspecto formativo. Essa tarefa também demanda por um esforço proveniente dos docentes no sentido de ampliar suas experiências com objetos culturais formativos, para além da esfera disciplinar, ou seja, do conteúdo que está diretamente voltado para o curso. A crítica e o aspecto formativo dos objetos culturais não se dissociam de sua beleza, mas conservam tal qualidade, para além de um estado passageiro. Nessa perspectiva, é possível pensar na possibilidade de uma educação emancipatória, pois ela não exclui o prazer e a alegria – ambos passíveis de serem encontrados na cultura que resiste à mercantilização.